

ANAIS DO  
VI SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITARIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

# TRABALHO LIVRE E TRABALHO ESCRAVO.

VOLUME II

XLIV

Coleção da *Revista de História* sob a direção  
do Prof. Eurípedes Simões de Paula.



SÃO PAULO — BRASIL  
1973.

## METODOLOGIA DA HISTÓRIA DA CULTURA: A PERSPECTIVA LINGÜÍSTICA (\*).

---

MARIA BEATRIZ NIZZA DA SILVA

do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Definamos em primeiro lugar o que entendemos por *história da cultura*, uma vez que adotamos esta expressão em substituição de outras ( por exemplo, história das idéias, história do pensamento, história das mentalidades), que nos pareceram menos adequadas ao objeto da nossa pesquisa. Preferimos utilizar uma designação menos marcada pe'a conotação intelectualista, pois estamos interessados naquilo a que os antropólogos chamam cultura de uma sociedade e cujo domínio, segundo Michel Leiris (*Cinq études d'éthnologie*, p. 38 e 39), abarca crenças, conhecimentos, sentimentos, literatura, regras de parentesco, sistemas de educação, formas de govêrno, tipos de habitação ou de vestuário, utensílios, objetos. Cremos que a história não pode mais conceber a cultura apenas no sentido de algo que confere prestígio a uma sociedade ( a sua arte, literatura, ciência, filosofia), mas sim, escreve Leiris, como um

“conjunto mais ou menos coerente de idéias, mecanismos, instituições e objetos que orientam — explícita ou implicitamente — a conduta dos membros de um determinado grupo”.

Mesmo para as sociedades complexas que são o objeto do estudo dos historiadores, êste conceito de cultura afigura-se-nos mais eficaz do que o antigo, herdado do século passado, o qual, por ser elitista e intelectualista, deixa de lado uma grande parte da vida de uma sociedade.

---

(\*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 6 de setembro de 1971 (*Nota da Redação*).

Para o estudo de uma cultura passada utilizamos, inicialmente, mas não exclusivamente, um método: a análise da linguagem contemporânea dessa cultura. Muito embora sejam raros os historiadores que na prática têm adotado este método, teoricamente ele não é novo. Já em 1961, quando foi publicado na “Bibliothèque de la Pléiade” o volume *L'Histoire et ses méthodes*, Marcel Cohen em “La Linguistique et l'Histoire” e Georges Duby em “Histoire des mentalités” acentuaram a importância das análises linguísticas, como vemos no seguinte texto de Duby:

“Como penetrar na consciência dos homens de um determinado meio, como explicar a sua conduta, as relações que mantêm entre si, como tentar ver com os seus olhos o mundo e os homens, sem conhecermos bem o vocabulário que empregam — ou melhor, os vocabulários, pois muitos homens se servem de vários, adaptados aos diferentes grupos em que se inserem —, portanto sem dispormos de um inventário sistemático e cronológico das palavras? A verdade é que a história das mentalidades não pode progredir sem o concurso dos lexicólogos” (*ob. cit.*, p. 953).

Nestes últimos 10 anos, o que se tem observado é que os linguistas invadem o campo da história (1); mas o inverso não se tem verificado. Os historiadores, principalmente os que estudam os séculos mais recentes, parecem não sentir a necessidade de examinar detidamente as linguagens das sociedades que analisam, ao contrário do que constatamos entre os especialistas de História Antiga ou Medieval, desde há muito atentos aos problemas linguísticos levantados pela documentação que estudam. Basta recordar Marc Bloch em *Société féodale*.

Colocar-se numa perspectiva linguística em história da cultura não significa de modo algum que o historiador se transforme em lexicólogo ou semântico. O seu objetivo será sempre extra-linguístico e esta nova perspectiva, que cremos absolutamente necessária, não é contudo suficiente. Se ele se detém na linguagem, não permanece nela.

A fim de descrevermos de maneira mais clara esta paragem momentânea do historiador na área linguística, recorreremos a exemplos tirados da pesquisa que vimos realizando desde 1967 sobre a cultura na sociedade carioca entre 1808 e 1821. O nosso recorte no tempo e no espaço permite-nos trabalhar sobre um *corpus* abundante, mas não tão vasto que dificultasse a pesquisa indivi-

---

(1). — Remeto para um artigo por mim publicado no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, a 20 de dezembro de 1969, com o título “Lexicologia e História da Cultura”.

dual. Para os grandes períodos da história da cultura torna-se necessário o trabalho em equipe ou o recurso a processos mecano-gráficos.

O *corpus* é constituído por tôdas as amostras lingüísticas que pudermos coletar, sejam elas manuscritos ou textos impressos. E a partir dêste material queremos reconstruir os vocabulários diversos que constituíam a linguagem da sociedade carioca nesse período. Poder-se-á objetar: para que tanto esforço, a língua era a portuguesa, basta fazer a análise de um dicionário da época, por exemplo o Moraes de 1813, e proceder à triagem dos diversos vocabulários. Será suficiente ler a introdução do Dicionário para termos consciência da inviabilidade dêste procedimento. A língua-modelo de Moraes é a dos clássicos e muitos termos que encontramos nos textos não se encontram no Dicionário: ou por serem importados de línguas estrangeiras, ou por serem considerados neologismos, ou por serem demasiado quotidianos. Para dar apenas alguns exemplos, *mascate*, *patriota*, *modista*, *prognóstico*, *quinquilharia*, *quitanda*, *seringueiro*, *sumaca*, etc., encontram-se nos textos da época e não constam do dicionário. Esta defasagem entre o registro dos lexicógrafos e a realidade do emprêgo na língua (2) é que nos leva a considerar o dicionário da época apenas como um instrumento auxiliar, mas nunca como um documento por si só revelador da linguagem de uma sociedade.

A reunião de um *corpus* o mais exaustivo possível é apenas uma questão de tempo para o historiador; analisá-lo implica já certos postulados metodológicos que vão nortear a distinção dos vocabulários. Os problemas que nos surgem são múltiplos e por vêzes de difícil solução. Como elaborar um dicionário científico, técnico, político, social, dêsse período? Como separar as terminologias específicas da linguagem comum? E nesta como distinguir os níveis sociais da linguagem, se as amostras lingüísticas que chegaram até nós provêm apenas de algumas camadas sociais e não de tôdas?

Para a descrição do vocabulário científico da época partimos em primeiro lugar das áreas então denominadas ciências, mesmo que muitas delas não sejam mais consideradas como tal. O que complica um pouco a questão é o emprego de *arte* no sentido de ciência, ou então o fato da ciência ser considerada uma parte da *filosofia*, mas tais dificuldades têm de ser resolvidas através da análise dos textos e temos de ser suficientemente abertos para o que êstes nos

---

(2). — Sobre êste assunto ver Louis Guilbert, "Dictionnaires et linguistique", p. 6, in *Le Lexique*, Larousse, 1969.

ditarem. Uma vez delimitadas as áreas científicas, importa fazer o levantamento da terminologia de cada uma delas, usando como critério a existência de definição. Este critério é tanto mais útil quanto em certas áreas, como por exemplo a Medicina ou a Economia Política, se torna extremamente árduo separar a linguagem comum da linguagem científica. Quando José da Silva Lisboa define um termo (*riqueza, valor, preço*, por exemplo) é porque o vocábulo, mesmo empregado na linguagem comum, é utilizado pelo sábio com um significado diferente e portanto faz parte da linguagem específica deste. O mesmo acontece com um termo médico que aparece num Tratado de Medicina e ao mesmo tempo na correspondência de Marrocos, por exemplo.

Quanto ao vocabulário técnico, o critério por nós adotado é o expresso por Louis Guilbert:

“a massa lexical que constitui o léxico especial é determinada pela comunicação entre os locutores de um mesmo meio profissional no exercício da profissão” (3).

Este vocabulário está portanto intimamente relacionado com os grupos profissionais e é por esta razão que consideramos linguagens técnicas quer a administrativa, judicial, eclesiástica, militar, quer a artesana<sup>1</sup>, comercial, manufatureira, bancária, etc. A precisão, a clareza, são as características deste vocabulário. Como escreve Guilbert,

“os termos técnicos opõem-se às unidades do léxico geral entre as quais predomina o valor polisêmico”.

A função de designação não é ambígua: se na linguagem administrativa, por exemplo, nos aparecem termos como *ordenado, salário, soldo, emolumento, propina, pensão, tença*, etc. é porque há apenas um uso correto para cada um destes vocábulos.

Quanto ao vocabulário político, o período de 1808 a 1821 no Rio de Janeiro constitui um momento extremamente importante na medida em que assistimos à divulgação ou criação de uma terminologia mais rica e também mais matizada do ponto de vista ideológico. Mas neste caso não basta apenas assinalar o uso de vocábulos como *moderação, facção, partido, sublevação, constituição*, etc.; é preciso ainda descrever o contexto em que surgem. Aqui procedemos como Jean Dubois (*Le vocabulaire politique et Social*

---

(3). — *Ob. cit.*, p. 13. Ver também W. von Wartburg e S. Ullmann, *Problèmes et méthodes de la linguistique*, Paris, 1969, p. 160-170, capítulo intitulado “Langue commune et langue de groupes”.

*en France de 1869 à 1872*): para cada variação de significado, apresentamos os contextos e citamos o autor ou o documento. Prestamos igualmente atenção ao fato de a unidade lexical não se apresentar necessariamente sob a forma da unidade “palavra” e sim muitas vêzes sob a forma de sintagmas lexicais complexos, por exemplo, *fermentação dos espíritos, monstro da desordem*, etc.

No vocabulário social incluímos por um lado o conjunto de todos os têrmos que designam profissões ou cargos e por outro lado os vocábulos ou expressões reveladores de uma estratificação social. Através da enumeração das palavras que designam cargos administrativos, militares, judiciais, eclesiásticos ou profissões da esfera privada, pretendemos chegar a um conhecimento mais rigoroso da composição da sociedade carioca durante a estadia da Côrte no Brasil. É evidente que na análise das formas lingüísticas referentes à estratificação social não podemos deixar de investigar o estatuto social do locutar e a sua ideologia política, pois a visão da hierarquia social e a aceitação ou rejeição desta dependem fundamentalmente daqueles dois fatores. Damos como exemplo têrmos como *figurão, gentilha*, ou expressões como *gente gorda, pessoas graúdas*, em que a conotação ideológica é muito acentuada, ao contrário de outras como *classes do povo, classes privilegiadas, grandes senhores do Paço*, etc.

A elaboração dêstes vocabulários é a que levanta maiores problemas metodológicos e cremos que será mais fácil a constituição de dicionários de coisas, por exemplo, os têrmos de vestuário, habitação, etc. Gostaríamos de elaborar igualmente um vocabulário afetivo ou psicológico, mas, no *corpus* que já reunimos, êsse material afigura-se-nos muito reduzido, sendo quase unicamente constituído pelos textos de caráter literário.

A perspectiva lingüística representa apenas o primeiro passo de uma análise mais ampla e complexa, mas como se trata de examinar exaustivamente os textos que dessa época chegaram até nós, impressos ou manuscritos, ignoramos quando poderemos passar desta primeira fase, mais descritiva, para uma segunda, mais interpretativa. Enquanto o historiador continuar a pesquisar da maneira artesanal que conhecemos, não se pode esperar dêle uma produção rápida.

\*

\*        \*

### INTERVENÇÕES

Da Prof<sup>a</sup> *Antonietta de Aguiar Nunes* (FFLC São Bento-PUC. São Paulo).

Informa que a equipe da computação de dados ligada à Física Nuclear da Universidade de São Paulo, sob a direção do Prof. Maximilien Hehl, tem feito algumas pesquisas sobre cibernética com o computador, inclusive trabalhando com textos literários (no 2º semestre de 1970 estava analisando textos de Érico Veríssimo, usando programas do computador para estudar a sua estrutura da linguagem, vocabulário preferentemente usado, etc.).

Acredita, portanto, que se Autora da comunicação pudesse entrar em contacto com essa equipe, sem dúvida conseguiria realizar com maior rapidez certas etapas do seu trabalho, assim como também contribuir para um melhor entrosamento entre os grupos de cientistas “exatos” e cientistas “humanos” que parece ser atualmente, uma necessidade muito grande pois com a aplicação das modernas técnicas por eles usados, muito poderiam lucrar os historiadores, racionalizando o seu trabalho e tornando-o bem mais rápido.

Ademais, programação para computador pode parecer aos cientistas “humanos” um “bicho de sete cabeças”, mas de fato não o é. Trata-se de uma técnica um pouco complicada para se aprender, mas logo depois de automatizada (comparável à dificuldade que se sente em dirigir um automóvel), torna-se fácil. Nos Estados Unidos todo professor universitário, em geral, deve conhecer os rudimentos, dessa técnica, sabendo programar na linguagem científica *Fortran* (*Formula Translation*). Nestas condições, não lhe parece tão fora do alcance da Autora, quanto possa parecer à primeira vista, o uso de computadores numa pesquisa do tipo que se está propondo.

\*

Do Prof. *Roberto Machado Carvalho* (FFCL-Itú. São Paulo).

Diz que o trabalho da Autora oferece no campo da historiografia brasileira uma valiosa contribuição, sobretudo porque se trata de um gênero histórico *inteiramente novo entre nós* no sentido de servir aos professores de História. No seu modesto parecer deveria esse trabalho ir mais longe, isto é, encaminhar-se para a elaboração de um *Dicionário* histórico da linguagem brasileira em diferentes épocas. Deveria ser tentado tal trabalho para o futuro, pelo menos nos termos mais gerais.

Pergunta, pois:

1). — O vocabulário linguístico de acôrdo com a comunicação deve penetrar no terreno *folclórico*? Até que medida isso é possível nesta pesquisa?

2). — Os têrmos políticos, mudando de significado conforme a época, qual seria o adotado — o antigo ou o atual?

3). — Em que outros campos das ciências humanas penetra a lingüística? Também é encontrado nas ciências exatas?

\*

Do Prof. *José Maria Corrêa* (ICHL-UFGO. Goiânia. Goiás).

Pergunta: até que ponto o Estruturalismo pode ser empregado na Metodologia da História?

Da Profa. *Maria Stella Alves de Lima* FFCL São Bento-PUC. São Paulo).

Indaga: que tipo de metodologia deve ser aplicada para análise de vocábulos que, em regra geral, não constam dos dicionários da época, mas são freqüentemente empregados na linguagem oral e especialmente na escrita (\*).

---

(\*) . — A Autora deixou de remeter, por escrito, à presidência da mesa, as respostas que deu em plenário (*Nota da Redação*).